

Evocações particulares condenadas sem razão

Com relação ao fenômeno da manifestação dos espíritos existem os que não acreditam na sua existência e aqueles que, simplesmente, dizem que ele é proibido por Deus, por meio de Moisés. É certo que Moisés proibiu tudo quanto se relacionava a adivinhação, e, no meio, à necromancia, que é a evocação dos mortos para fins de adivinhação. E, não podendo ser diferente: "A verdade é que o Espiritismo condena tudo que motivou a interdição de Moisés [...]". (KARDEC, 2007d, p. 170).

O legislador hebreu contemplou também na proibição os que deitavam nos túmulos exigindo a presença do morto para se confabular com ele, prática comum à sua época. Porém, uma coisa é a lei mosaica, outra a divina; e o próprio Moisés é quem nos atesta que somente os Dez Mandamentos são provenientes de Deus, uma vez que a Arca da Aliança, que fez por recomendação de Deus para guardar Suas leis, só tinha o decálogo (Dt 10,5); todo o restante ele, Moisés, deixou do lado de fora dela (Dt 31,24-26).

Temos falado que a possibilidade de se comunicar com os mortos só existe porque tal fato faz parte das leis criadas por Deus, e, certamente, não criaria nada que fosse, conforme dizem, abominável a Ele, o que até seria mais inteligente de Sua parte. Portanto, não vemos outra causa para a manifestação dos mortos senão porque há permissão divina; se Deus não quisesse, por lógica, tal fato nunca ocorreria, por mais que ficássemos a evocá-los; mesmo que toda a nossa vida fosse dedicada a fazer isso.

Um bom argumento para provar que Deus permite que os mortos se comuniquem são os milhares de casos em que eles, os espíritos, se apresentam sem que ninguém os tenha evocado. Isso, por exemplo, pode ser facilmente verificado nas manifestações do que os católicos chamam de "almas do purgatório", que se encontram registradas nos anais da Igreja. Em Roma há um Museu com 280 provas produzidas por elas; quem sabe se elas não estavam pensando que, com tantas provas assim, não seria o suficiente para convencer os incrédulos? Se for, coitadas, perderam seu tempo, já que os fiéis católicos foram condicionados a obedecerem aos dogmas e não acreditar em fatos.

Kardec não via mal algum nas evocações sérias para fins de instrução, nossa ou dos espíritos; ao contrário, ele as incentivava. Além dessas, julgamos que as do tipo que descreveremos a seguir poderiam ser feitas pelo motivo que se depreenderá do relato. Leiamos:

Evocações particulares: Mãe, estou aqui!

A senhora X havia perdido, há alguns meses, sua filha única, de catorze anos de idade, objeto de toda a sua ternura, e muito digna de seus lamentos pelas qualidades que prometiam fazer, dela, uma mulher perfeita. Essa jovem pessoa havia sucumbido a uma longa e dolorosa doença. A mãe, inconsolável com essa perda, via, dia a dia, sua saúde alterar-se, e repetia, sem cessar, que iria logo juntar-se com sua filha. Instruída quanto à possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, a senhora X resolveu procurar, em uma conversa com a sua criança, um alívio para sua pena. Uma dama de seu conhecimento era médium, mas, pouco experimentadas, uma e outra, para semelhantes evocações, sobretudo, em uma circunstância tão solene, me convida para assistir. Não éramos senão três: A mãe, a médium e eu. Eis o resultado dessa primeira sessão.

A mãe: Em nome de Deus Todo-Poderoso, Espírito de Julie X, minha filha querida, eu te peço vir se Deus o permite.

Julie: Mãe! Eu estou aqui.

A mãe: É mesmo tu, minha criança, quem me responde? Como posso saber que és tu?

Julie: Lili.

(Era um pequeno nome familiar dado à jovem, em sua infância; não era conhecido nem pelo médium nem por mim, já que, desde vários anos, não a chamava senão pelo seu nome de Julie. A esse sinal, a identidade era evidente; a mãe, não podendo dominar sua emoção, explode em soluços).

Julie: Mãe! Por que se afligir? Sou feliz; bem feliz; não sofro mais e te vejo sempre.

A mãe: Mas eu não te vejo. Onde estás?

Julie: Aí; ao lado de ti, minha mão sobre a senhora Y (a médium) para fazer com que escreva, o que te digo. Veja minha escrita. (A escrita era, com efeito, a da sua filha.)

A mãe: Tu dizes: minha mão; tens, pois, um corpo?

Julie: Não tenho mais esse corpo que me fazia sofrer; mas tenho dele a aparência. Não estás contente, que eu não sofra mais, uma vez que posso conversar contigo?

A mãe: Se eu te visse, pois, te reconheceria?

Julie: Sim, sem dúvida, e tu já me tens visto, frequentemente, em teus sonhos.

A mãe: Eu te revi, com efeito, em meus sonhos, mas, acreditei que era um efeito da minha imaginação, uma lembrança.

Julie: Não; sou eu que estou sempre contigo, e que procura te consolar; fui eu quem te inspirou a ideia de me evocar. Tenho muitas coisas a dizer-te. Desconfie do senhor F, ele não é franco.

(Esse senhor, só conhecido de minha mãe, e assim nomeado espontaneamente, era uma nova prova da identidade do Espírito que se manifestava.)

A mãe: Que pode, pois, fazer contra mim o senhor F?

Julie: Não posso dizer-te; isso me é proibido. Não posso mais que advertir-te para dele desconfiar.

A mãe: Estás entre os anjos!

Julie: Oh! não ainda; não sou bastante perfeita.

A mãe: Não te reconheço, no entanto, nenhum defeito; tu eras boa, doce, amorosa e benevolente para todo o mundo; será que isso não basta?

Julie: Para ti, mãe querida, eu não tinha nenhum defeito; eu acreditava nisso; tu me dizias, muito frequentemente! Mas, no presente, vejo o que me falta para ser perfeita.

A mãe: Como adquirires as qualidades que te faltam?

Julie: Em novas existências, que serão mais e mais felizes.

A mãe: Será na Terra que terás essas novas existências?

Julie: Disso não sei nada.

A mãe: Uma vez que não havias feito mal durante tua vida, porque tanto sofreste?

Julie: Prova! Prova! Eu a suportei com paciência, pela minha confiança em Deus; por isso, sou bem feliz hoje. Até breve, mãe querida!

Em presença de semelhantes fatos, quem ousaria falar do nada do túmulo, quando a vida futura se nos revela, por assim dizer, palpável? Essa mãe, minada pelo desgosto, goza, hoje, de uma felicidade inefável por poder conversar com sua criança; não há mais, entre elas, separação; suas almas se confundem e se expandem, no seio uma da outra, pela permuta dos seus pensamentos.

Malgrado o véu do qual cercamos essa relação, não nos permitiríamos publicá-la, se para isso não estivéssemos formalmente autorizados. Pudessem, disse-nos essa mãe, todos aqueles que perderam suas afeições na Terra, experimentar a minha mesma consolação!

Não acrescentaremos senão uma palavra endereçada àqueles que negam a existência dos bons Espíritos; nós lhes perguntaremos como poderiam provar que o Espírito dessa jovem era um demônio malfazejo. (KARDEC, 2001a, p. 17-19).

Um ponto importantíssimo que os contrários não sabem, por não se darem ao luxo de estudar para conhecer, é que no meio Espírita todas as evocações são precedidas de uma prece, pela qual se roga a Deus que seja permitido "o" ou "um" espírito se apresentar. Veja

como iniciou essa reunião íntima da qual participava Kardec: "Em nome de Deus Todo-Poderoso, Espírito de Julie X, minha filha querida, eu te peço vir se Deus o permite". As instruções do Codificador, quanto a isso, são claras:

Contudo, **a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus.** Poder-se-á fazê-la nos termos seguintes, ou outros equivalentes: **Rogo a Deus todo-poderoso que permita** venha um bom espírito comunicar-se comigo e fazer-me escrever; peço também ao meu anjo da guarda se digne de me assistir e de afastar os maus espíritos." [...]

Quando queira chamar determinado Espírito, é essencial que o médium comece por se dirigir somente aos que ele sabe serem bons e simpáticos e que podem ter motivo para acudir ao apelo, como parentes, ou amigos. Neste caso, a evocação pode ser formulada assim: **Em nome de Deus todo-poderoso peço que tal Espírito se comunique comigo**, ou então: **Peço a Deus todo-poderoso permita tal Espírito se comunique comigo**, ou qualquer outra fórmula que corresponda ao mesmo pensamento. (KARDEC, 2007b, p. 257-258) (negrito nosso).

Mais à frente, reforça esse conselho: "Quando dizemos que se faça a evocação em nome de Deus, queremos que a nossa recomendação seja tomada a sério e não levemente" (KARDEC, 2007b, p. 362).

Observando o motivo pelo qual se procurou o contato com o Espírito, não vemos nenhum para condenar; ao contrário, que mãe não gostaria de falar com um filho desencarnado? E, no caso em questão, essa mãe inconsolável vinha perdendo até sua saúde, chegando mesmo a ponto de desejar ir logo para junto da filha, ou seja, queria morrer para encontrar-se com ela. Nós sabemos que isso não precisa ocorrer, pois nós, os vivos, podemos nos comunicar com os nossos entes queridos que se encontram na dimensão espiritual. Depois de ter falado com sua filha, ela muda completamente, voltando a ser feliz por estar plenamente consolada.

Outro aspecto interessante é que isso também prova que o amor que sentimos uns pelos outros não acaba com a morte. A filha, do outro lado da vida, ainda nutre o sentimento de amor para com a sua mãe. A pergunta é: isso é condenável?

Certas coisas acontecem em nossa vida e não damos a elas o devido valor. Muitos nem mesmo têm conhecimento desses fatos; julgam ser fruto da imaginação. Estamos falando de alguns tipos de sonhos. Aqui, a filha afirma à mãe que elas se encontravam quando a mãe estava dormindo. Quando nosso corpo está dormindo, nosso espírito, por não ter necessidade de descansar, pois o cansaço é algo que só atinge ao corpo físico, liberta-se momentaneamente. Embora ainda permaneça ligado a ele pelo cordão de prata, retorna ao plano espiritual durante o sono. Ora, os que "passaram dessa para uma outra" estão justamente nessa dimensão, só que em caráter mais duradouro; portanto, dadas as condições apropriadas, poderemos nos encontrar com eles.

Assim, podemos afirmar que muitos dos nossos sonhos não são propriamente sonhos, mas verdadeiros encontros, de que nem sempre nos lembramos ou, às vezes, apenas guardamos uma vaga lembrança. Porém, muitas pessoas têm plena nitidez e consciência do acontecido durante esse período.

Não podemos deixar de citar, do diálogo da filha desencarnada com a mãe, o conselho para não confiar num determinado senhor. A mãe, querendo saber porque motivo, obteve uma resposta negativa, na qual a filha disse não lhe ser permitido tal coisa. Ridículos são aqueles que querem que os espíritos lhes informem de tudo, porquanto lhes falta conhecimento e, muitas vezes, é interdito a eles interferir na vida dos vivos, falando de coisas que mais prejudicam que ajudam.

A filha admite a sua imperfeição à mãe, que a considerava uma criatura perfeita, mas demonstra uma esperança em conseguir a perfeição por novas existências, quer dizer, desenvolverá a perfeição nas reencarnações sucessivas, quando, aí, sim, não mais estará sujeita a essa lei.

Consola a mãe quanto ao seu sofrimento em vida, dizendo-lhe tratar-se de prova, que sempre buscamos para mensurar até que ponto já adquirimos determinados valores morais. Isso nos induz a dizer que devemos reformular nosso pensamento de que sofrimento é castigo imposto por Deus, pois somos nós mesmos quem o escolhemos, quando da programação da nova encarnação, visando nosso aprimoramento espiritual, da mesma forma como se verifica com o diamante bruto, que também passa por um processo de lapidação para se transformar numa pedra de um brilho de alta pureza.

Pelos comentários de Kardec, podemos concluir que ele, no século 19, admitia a comunicação tanto de espíritos denominados de demônios (maus) como dos denominados de anjos (bons). E pediu provassem que não. Da mesma forma, agora, no século 21, repetimos esse mesmo entendimento, já que, se Deus permite que os demônios se manifestem, inclusive para nos prejudicar, com mais forte razão, pelo Seu princípio de Justiça, também terá que permitir a comunicação dos anjos (espíritos de luz) para nos alertar ou ajudar. Que nos provem em contrário!

Voltando ao assunto evocação e manifestação dos mortos, não podemos nos esquecer que isso ocorre já de muito tempo. Na *Bíblia*, temos o caso de Saul indo atrás de uma pitonisa de Endor a fim de se instruir com o espírito Samuel, o profeta que, quando vivo, o havia ungido rei de Israel, e o ocorrido com Jesus, que conversa com os espíritos Moisés e Elias, fato testemunhado por Pedro, Tiago e João.

A possibilidade dos mortos virem instruir os vivos faz parte dos ensinamentos de Jesus, embora muitos não "têm olhos para ver". Na parábola do mau rico e pobre Lázaro, narrada por Lucas (16,19-31), o rico pede a Abraão para enviar Lázaro a fim de avisar e prevenir seus cinco irmãos que não acabem também eles indo para o lugar de tormento no qual ele se encontra. A resposta do pai Abraão, ao rico, foi taxativa: "*Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão*". Mas é exatamente isso que anda acontecendo, desde há muito tempo, ou seja, os mortos estão voltando para avisar aos "vivos" que não querem se convencer disso.

Encontramos algo bem interessante, para provar que tais coisas eram fatos comuns. Leiamos o que fala Léon Denis, em *Cristianismo e Espiritismo*:

Hermas, discípulo dos apóstolos, o mesmo que São Paulo manda saudar de sua parte em sua Epístola aos Romanos (XVI, 14), indica, em seu "Livro do Pastor" (40), os meios de distinguir os bons dos maus Espíritos.

Nas linhas seguintes, escritas há mil e oitocentos anos, julgar-se-ia ter a descrição fiel das sessões de evocações, tais como, em muitos centros, se praticam em nossos dias:

"O espírito que vem da parte de Deus é pacífico e humilde; afasta-se de toda malícia e de todo vão desejo deste mundo e paira acima de todos os homens. Não responde a todos os que o interrogam, nem às pessoas em particular, porque o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite. Quando, pois, um homem que tem um espírito de Deus, vem à assembleia dos fiéis, desde que se fez a prece, o espírito toma lugar nesse homem, que fala na assembleia como Deus o quer." (*É o médium falante*).

"Reconhece-se, ao contrário, o espírito terrestre, frívolo, sem sabedoria e sem força, no que se agita, se levanta e toma o primeiro lugar. É importuno, tagarela e não profetiza sem remuneração. Um profeta de Deus não procede assim."

(40) Esse "Livro do Pastor" era lido nas Igrejas, como o são atualmente os Evangelhos e as Epístolas, até, o século V. São Clemente de Alexandria e Orígenes a ele se referem com respeito. Figura no mais antigo catálogo dos livros canônicos recebidos pela Igreja Romana e foi publicado por Caio em 220.

(DENIS, 1987, p. 61)

Ficamos curiosos para saber porque as pessoas não têm conhecimento disso. Aí ficamos

surpresos, porquanto alteram os fatos para esconder a realidade; vejam como foi traduzido esse trecho de Hermas:

Em primeiro lugar, quem tem o espírito que vem do alto, é calmo, sereno e humilde. Ele se abstém de todo mal e de todo desejo vão deste mundo; ele se considera inferior a todos e, quando interrogado, nada responde a ninguém e não fala em particular. O Espírito Santo não fala quando o homem quer, mas só quando Deus quer que ele fale. Quando um homem, que tem o espírito de Deus, entra numa assembleia de homens justos, crentes no espírito divino, e nessa assembleia de homens justos se suplica a Deus, então o anjo do espírito profético que está junto dele, plenifica esse homem, e ele, pleno do Espírito Santo, fala à multidão conforme quer o Senhor. ... Escuta agora a respeito do espírito terreno e vão, que não tem poder e é insensato. Primeiro, tal homem, que julga possuir o espírito, exalta-se a si mesmo, quer ter o primeiro lugar, e logo se apresenta descaradamente, imprudente e loquaz. Vive em meio a muitas delícias e muitos outros prazeres, e aceita pagamento por sua profecia. Quando nada recebe, também não profetiza. Poderia um espírito divino receber pagamento para profetizar? Não é possível que o profeta de Deus aja desse modo; o espírito desses profetas é terreno. (<http://cocp.veritatis.com.br/fixas/opastor.htm>).

A diferença em relação ao texto anterior é estonteante; não dá para se ter uma ideia do que na realidade se fazia. Trata-se sempre da questão de se esconder a verdade para justificar dogmas e crenças. Pouco importa a ética; a verdade, para eles, muitas vezes não pode ser dita, por contrariar seus próprios interesses. Que Deus tenha piedade de suas almas!

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Jan/2009

Referências bibliográficas:

- DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.
KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007d.
KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001a.
HERMAS. *O Pastor*. <http://cocp.veritatis.com.br/fixas/opastor.htm> , acesso em 20.01.2009 às 11:34hs.

Este texto foi publicado:

– revista **Espiritismo & Ciência**, nº 74. São Paulo: Mythos, setembro/2009, p. 18-25.